

# **O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico**

*Wolf Dietrich*

## **Famílias linguísticas e troncos linguísticos**

O que se chama “tupi” na tradição brasileira a partir do século XIX corresponde a uma realidade linguística complexa. O tupinambá, em que se baseiam as línguas gerais da época colonial, a língua brasílica, a língua geral paulista e a língua geral amazônica, extinto desde a primeira metade do século XVIII (cf. Rodrigues, 1996: 57), foi uma das línguas da grande família linguística tupi-guarani. Essa se chama tupi-guarani, nas classificações dos especialistas, porque o tupi(nambá) e o guarani foram as primeiras línguas documentadas da família e assim serviram como definição.

Para a definição do conceito de “família linguística”, sejam citadas as palavras de Aryon Rodrigues:

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. As línguas românicas ou neolatinas – português, espanhol, catalão, francês, romanche, italiano, romeno – constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral bem conhecida historicamente – o latim. Para a maioria das famílias linguísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo delas

nenhuma documentação. O conhecimento dessas línguas (ou de, pelo menos, certas características delas) é obtido mediante estudos histórico-comparativos que, partindo da descoberta de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, formulam hipóteses sobre as propriedades que devia ter uma língua ancestral para permitir (e explicar) a derivação diferenciada das línguas atuais (Rodrigues, 1986: 29).

Além disso, a família tupi-guarani forma um grupo com outras línguas mais distantes na sua diferenciação histórica, mas que, elas também, apresentam correspondências regulares de sons, de palavras e de formas gramaticais. A língua ancestral, postulada nas hipóteses dos linguistas, o prototupi, corresponde ao conceito do protoindo-europeu, a protolíngua de todas as famílias linguísticas que se estendem da Europa até a Índia. Como as línguas românicas, germânicas, eslavas, bálticas, célticas, indo-arianas etc. formam o tronco indo-europeu, assim as famílias tupi-guarani, arikem, juruna, mondé, tupari etc., que alistamos a seguir, formam o tronco tupi. Portanto, o tupi-guarani é uma das famílias do tronco tupi. O prototupi reconstruído pelos especialistas de Linguística Histórica tem uma antiguidade de vários milênios.

Subsequentemente, apresentamos a classificação das línguas da família tupi-guarani, depois as línguas das outras famílias do tronco tupi. Finalmente, oferecemos uma breve descrição tipológica dos principais traços fonológicos e morfossintáticos do tupinambá, também chamado de tupi antigo, e do guarani antigo, as línguas da missão jesuítica e as bases das línguas gerais que foram as que tiveram influência na formação do português brasileiro.

## **O tupi-guarani**

### Família tupi-guarani

(Guiana Francesa, Brasil [Amapá, Amazonas, Pará, Maranhão, Tocantins, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro], Amazônia peruana, Oriente boliviano, Paraguai, Argentina [Salta, Jujuy, Formosa, Chaco, Corrientes, Misiones]).

## GRUPO GUARANI MERIDIONAL

- (1) **\*Guarani clássico** ou **guarani antigo**<sup>1</sup> (s. XVII e XVIII, língua documentada pelos missionários jesuítas nas Reduções entre 1640 e 1767; língua tipologicamente diferente das outras línguas do grupo, especialmente do avañe'ẽ moderno).
- (2) **Avá-guarani** ou **nhandeva**, e dialeto **apapocuva** (no Paraguai, Deptos. de Alto Paraná, Caaguazú, San Pedro, Canindeyú, Amambay, 6 mil falantes; no Brasil [MS, PR, SP, SC, RS], 4,9 mil falantes).
- (3) **Kaiwá/caiová/cainguá/kaiowá/paĩ tavyterã** (no Brasil: MS, entre Dourados e a fronteira com o Paraguai, população 18 mil, 15 mil falantes, língua cooficializada em dois municípios [Paranhos e Tacuru], desde maio de 2010; no Paraguai, Deptos. de Amambay, Canindeyú, Concepción, população 15 mil, pelo menos 11 mil falantes; na Argentina, Misiones, 510 falantes).
- (4) **Avañe'ẽ** (guarani paraguaio, Paraguai, Argentina [leste de Formosa e Chaco, norte de Santa Fé, Corrientes, poucos falantes em Misiones]; Brasil [sul de MS], no total aproximadamente 5 milhões de falantes, segunda língua oficial do Paraguai desde 1992; língua oficializada na província argentina de Corrientes. A língua está documentada a partir do início do s. XVII).
- (5) **Mbyá** (Brasil: SP, RJ, ES, PR, SC, RS, 5 mil falantes; Paraguai, entre Encarnación, Caazapá, San Juan Bautista e Pilar, 8 mil falantes; Argentina, província de Misiones, 2,5 mil falantes).
- (6) **Xetá** (Brasil: PR [Baixo Rio Ivaí, serra dos Dourados], moribundo, hoje há 3 falantes no grupo étnico de 82 pessoas em 20 famílias, sobreviventes de um massacre dos anos 1940).
- (7) **Guarani do Chaco**, tradicionalmente **chiriguano**, dialetos **ava** (subdialetos **simba** e **chané**); **izoceño** (Bolívia, numa linha que vai de Santa Cruz a Yacuíba, 40 mil falantes ava, 11,5 mil falantes tapíi-izoceños, segundo Riester, 1994; Argentina, província de Salta, entre Pocitos e Orán/Embarcación; província de Jujuy, Libertador General San Martín e Ledesma, 12 mil falantes).
- (8) **Tapiete** (Argentina, província de Salta, na “Misión Tapiete” de Tartagal, 750 pessoas, e em Curvita, perto do rio Pilcomayo, a poucos quilômetros rio acima, na Bolívia, algumas famílias em Samaihuate e Cutaiqui, língua aparentada com o guarani do Chaco ou, segundo outros, um dialeto desta).

GUARANI DA REGIÃO GUAPORÉ-MAMORÉ-PARAGUAI-PARANÁ

- (1) **Guarayo** (Bolívia, Depto. de Santa Cruz, 13 mil falantes, segundo Riester 1994; no Paraguai, o termo Guarayo/Guarayu se usa para os chiriguano-avas).
- (2) **\*Guarasug'wä/pauserna** (Bolívia, Deptos. de Santa Cruz/Beni, foz do rio Paraguai em Iténez/Guaporé; a etnia hoje fala espanhol; porém, segundo W. Adelaar, existiam entre 25 e 30 falantes da língua nativa em 1991).
- (3) **Siriono** (tradicionalmente, mas erroneamente chamado de sirionó; Bolívia, Deptos. de Beni e Santa Cruz, 1,3 mil falantes aproximadamente).
- (4) **Yuki** ou **mbyá-jê** (Bolívia, Depto. de Cochabamba, 150 falantes).
- (5) **Aché/guayaki** (Paraguai, Deptos. de Caaguazú, Canindeyú, Caazapá e Alto Paraná, há 250-300 falantes ativos num grupo étnico de 1,3 mil pessoas. Língua tupi-guarani antes classificada entre as línguas guaranis meridionais [do grupo guarani meridional], mas muito diferente destas. Em alguns traços fonológicos e morfológicos a língua está mais próxima de línguas como o siriono e yuki. Em migrações ulteriores deve ter acontecido mestiçagem com outros grupos).

GRUPO TUPI DA COSTA BRASILEIRA

- (1) **\*Tupinambá** (a língua dos índios da costa brasileira nos séculos XVI a XVII, língua empregada na missão jesuítica nos séculos XVI a XVII; tornou-se língua geral brasileira a partir do século XVII; por causa das migrações contínuas dos tupinambás, a língua propagada na região entre Santa Catarina e Bahia estendeu-se depois ao Maranhão e entrou na Amazônia no século XVII. Designada de tupi depois de 1870, esta língua é considerada a língua das origens do Brasil).
- (2) **\*Tupiniquim** (língua historicamente conhecida, mas não documentada, hoje extinta; Brasil: ES, BH, o grupo étnico inteiro de umas 820 pessoas fala, hoje, português).
- (3) **\*Potiguara** (língua historicamente conhecida, mas não documentada, hoje extinta. Brasil: PB, 13 mil pessoas, todos falam só português);
- (4) **Nheengatu**, anteriormente **língua geral amazônica** (Brasil: AM, no Alto Rio Negro, falado também por algumas etnias indígenas aloglotas, 3 mil falantes; na Colômbia e na Venezuela, aproximada-

mente 6 mil falantes no total; o *nhe'engatu* 'língua boa' formou-se a partir do tupinambá introduzido na Amazônia no século XVII. Até 1850, foi a língua comum da Amazônia brasileira). A partir de então se emprega o termo *nheengatu*.

- (5) **Cocama, cocamilla** (ao redor de Iquitos/Loreto/Peru, grupo étnico cocama 19 mil pessoas; cocamilla 2 mil falantes de um grupo étnico de 5 mil pessoas; no Brasil, 100 falantes entre cerca de 20 mil cocamas étnicos; entre 30 e 204 falantes na região de Letícia, Colômbia, dados não confirmados. O cocama e o cocamilla são dialetos de uma língua de origem não tupi-guarani tupinizada pelos tupinambás que entraram no Alto Amazonas e no Solimões nos séculos XVI-XVII. Por isso, o cocama e o cocamilla não são línguas tupis-guaranis de filiação pura, mas línguas geneticamente secundárias, derivadas).
- (6) **Omágua/omawa/canga-peba** (Peru, entre os rios Napo e Solimões; Brasil, rio Solimões, entre Tabatinga e Tefé; língua muito importante na Amazônia dos séculos XVI e XVII; da mesma origem que o cocama-cocamilla, com o qual forma um grupo linguístico; hoje língua provavelmente extinta).

#### GRUPO ASURINI-TENETEHARA-TAPIRAPÉ

- (1) **Grupo Tocantins-Maranhão:**
- (a) **Asurini do Tocantins/do Trocará/akwawa**, 'índio bravo' (Brasil: PA, Trocará, 350 falantes).
- (b) **Parakanã** (autodenominação *awareté*, 'gente verdadeira'; Brasil: PA, margem esquerda do Tocantins médio, 450 falantes em 1996).
- (c) **Suruí** (autodenominação *aikewára*, 'nós'; **mudjetire**, nome dado pelos *kayapós*; Brasil: sul do PA, 140 falantes em 1995).
- (2) **Grupo tenetehara:**
- (a) **Tembé** (MA; graus muito diferentes do domínio da língua, muita influência do português).
- (b) **Guajajara** (MA, 13,8 mil pessoas, 11.450 falantes; dialeto mutuamente inteligível com o *tembé*).
- (3) **Grupo Parque do Xingu:**
- (a) **Avá-canoeiro** (Brasil: GO, Alto Tocantins, 6 pessoas, 2 falantes; TO, Javaé: 16 pessoas, 6 falantes; língua ameaçada de extinção).

(b) **Tapirapé** (autodenominação **ãpyãwa**, Brasil: nordeste de MT em duas áreas indígenas distantes 180 quilômetros uma da outra [municípios de Luciara e Santa Terezinha, no rio Araguaia, e Santa Terezinha, Confresa e Porto Alegre do Norte; 600 falantes bilíngues tapirapé-português, e trilingues tapirapé-karajá-português]).

GRUPO DO XINGU-TOCANTINS-GURUPI

- (1) **Anambé/anambé do Cairari** (Brasil: PA, 5 falantes de 125 anambés étnicos, moribundo).
- (2) **Amanayé/manajo/amanajé** (66 ou menos falantes em 1996).
- (3) **Araweté/bïde** (Brasil: PA, ao sul de Altamira, rio Ipixuna; 290 falantes em 2003).
- (4) **Asurini do Xingu/awaté** (Brasil: PA, perto de Altamira, 124 falantes).
- (5) **Kayabi** (autodenominação **dejanare**; Brasil: MT, Parque Nacional do Xingu, rio dos Peixes; sul do PA, nas margens do rio Teles Pires; 800 falantes, muitos plurilíngues).

GRUPO DO NORTE DE MATO GROSSO E DE RONDÔNIA

- (1) **Apiaká** (Brasil: Alto Tapajós, norte de MT, no grupo étnico de umas 180 pessoas só há 2 falantes; língua gravemente em vias de extinção).
- (2) **Amondawa/amundawa/kagwahiva** (Brasil: RO, 86 falantes).
- (3) **Tenharim** (Brasil: leste de AM, RO, MT, 250 falantes); dialetos **parintintin**, **juma** (7 falantes); **kagwahíb/kawahýb**; **karipuna Jaci Paraná** (população 25, talvez 10 falantes), **diahói/jahui** [rio Marmelos]; **uru-eu-wau-wau/jupau** [serra e rio Pacaás Novos, RO; **jupaú** é autodenominação, **uru-e-wau-wau** é a denominação txapakúra, 90 falantes]; **morerebi** [rios Preto e Marmelos]; **kagwahiva/kawaib** é a autodenominação de todos estes grupos.

GRUPO DO ALTO XINGU

**Kamayurá/kamaiurá** (Brasil: MT, Parque Nacional do Xingu, 350 falantes em 2002).

## GRUPO AMAZÔNICO SETENTRIONAL

- (1) Ao norte do Amazonas:
- (a) **Wayãpi do Amapari e da Guiana Francesa/wayampi** (antes oyampi, Guiana Francesa, rio Oiapoque [Camopi, Trois-Sauts], Brasil: AP [rio Amapari, 350 falantes], PA [Parque do Tumucumaque; rio Ipitanga, Wayãpipuku], 750 falantes).
  - (b) **\*Karipuna (karipuna do Amapá)** (Brasil: AP, grupo étnico de umas 1,7 mil pessoas que já não fala sua língua, mas um tipo de crioulo francês).
  - (c) **Wayãpi do Jari/wayampipuku** (Brasil: PA, curso alto do rio Jari; 320 falantes).
  - (d) **Émérillon/teko** (Guiana Francesa [rios Maroni e Oiapoque], 400 falantes).
  - (e) **Zo'é/jo'é/dzo'é/puturú-jar/tupi do Cuminapanema/buré** (PA, rio Cuminapanema, entre Alenquer e Óbidos, 230 falantes; língua descoberta recentemente nos anos 1990).
- (2) Ao sul do Amazonas:
- (a) **Guajá** (MA, Alto Turiaçu, TO e PA, 240 falantes).
  - (b) **Ka'apor/urubú-ka'apor** (fronteira de MA e PA, entre 800 falantes).

## Línguas aparentadas mais distantes (ramo maweti-tupi-guarani)

(Sateré-)mawé

(Brasil: AM, PA, 9 mil falantes em 1994).

Aweti/tuoi

(Brasil: MT, Parque Nacional do Xingu, 115 falantes, cf. Drude, 2002)

## Outras famílias do tronco tupi

### Tupi da Rondônia oriental

#### FAMÍLIA ARIKEM:

**Karitiâna** (Brasil: RO, 95 quilômetros ao sudoeste de Porto Velho, população 200, 170 falantes, autodenominação **taso sa'em'em**).  
**\*Arikem**, **\*kabixiana**.

#### FAMÍLIA RAMARAMA:

**Karo (arara do Guariba, uruku**, RO, AI.<sup>2</sup> Igarapé Lourdes; MT, AI. Arara Beiradão, ao norte da AI. Aripuanã, 150 falantes). **\*Itogapúk/ntogapíd**.

#### FAMÍLIA PORUBORÁ/PURUBORÁ

(Rio Guaporé, RO, moribundo; etnia de umas 200 pessoas, entre elas 2 falantes).

#### FAMÍLIA MONDÉ

- (1) **Cinta-larga** (Brasil: RO, MT, população de mil pessoas, talvez mil falantes).
- (2) **Gavião (ikõrõ, digüt**, RO, população 500 pessoas, 420 falantes).
- (3) **Suruí/surui do Ji-Paraná** (845 falantes), **(suruí-)paiter** (RO, MT, população 800 pessoas, 587 falantes).
- (4) **Mondé/sanamaikã/salamã** (RO, rio Apídia, igarapé Tanaru, população 80 pessoas, 2 falantes).
- (5) **Aruá**, dialeto **aruáshi/aruáchi** (RO, AI rio Guaporé, AI rio Branco, Aruá I, Aruá II, Aruá III, população 40 pessoas, falantes 12).
- (6) **Zoró/pangyjej**, língua pouco diferenciada do suruí; muitos falam gavião (MT, Aripuanã, AI Zoró; RO, AI Igarapé Lourdes; população 800 pessoas, talvez somente 80 falantes do zoró).



## FAMÍLIA JURUNA:

- (1) **Juruna** (Brasil: Parque Indígena do Xingu, MT; 200 pessoas, a maioria falantes da língua, alguns monolíngues).
- (2) **Xipayaya/shipaya** (PA, zona de Altamira, vivem com os kuruáyas, veja adiante; 2 falantes, língua quase extinta).

## FAMÍLIA TUPARI:

- (1) **Tupari/haarat** (RO, AI rio Guaporé, 300 pessoas, 150 falantes).
- (2) **Ayuru/ajuru/wajuru/wayoró** (RO, AI rio Guaporé, população 80 pessoas, talvez 10 falantes; língua misturada com o makurap).
- (3) **Akuntsu** (RO, rio Omerê, município de Corumbiara, última etnia contatada há poucos anos, 7 pessoas sobreviventes de um massacre anterior, todas falantes).
- (4) **Makurap** (RO, AI Mequens, AI rio Guaporé, AI rio Branco, Macurap, município de Rolim Moura; 200 pessoas, tendem a falar português; talvez 50 falantes).
- (5) **Mekéns/mequéns/mekém/sakirabiát/sakiráp**: subgrupos **sakurabiát** (23 falantes), **Guaratira/koaratira/kanoé** (20 falantes), **koarategayat/guarategaja** (RO, TI<sup>3</sup> Guaporé e rio Mequéns, município de Cerejeira; população 100 pessoas, língua moribunda já que os mekéns tendem a falar português).

## Línguas tupis centrais

## FAMÍLIA MUNDURUKU

- (1) **\*Kuruáya** (PA, zona de Altamira, população 300 pessoas, só uma pessoa se lembra da língua, que está extinta desde 2007).
- (2) **Munduruku** (PA, Alto Tapajós/AM, AI Coatá-Laranjal, rio Cunumã; população 7,5 mil pessoas, 2 mil ou mais falantes; autodenominação wuyjuyũ).

## Esboço tipológico

O tupinambá e o guarani antigo, assim como o guarani paraguaio moderno, têm um sistema vocálico de seis vogais, a baixa /a/, as médias /e/, /o/, e as altas /i/, /í/, /u/. A central alta /i/, articulada entre /i/ e /u/, se encontra em muitas línguas indígenas, mas também em línguas como o russo e o turco. A particularidade de todas as línguas tupis-guaranis meridionais e do tupinambá é a simetria completa entre vogais orais e nasais. Às seis vogais orais mencionadas correspondem vogais nasais: a baixa /ã/, as médias /ẽ/, /õ/, e as altas /ĩ/, /ỹ/, /ũ/, sendo /ỹ/ a transcrição do /i/ nasal que se orienta na ortografia do tupinambá a partir da gramática de Figueira (1687 [1621]) e na do guarani moderno a partir do século XIX. Os documentos do tupinambá do século XVI (cf. Anchieta, 1595) mostram que a nasalização vocálica, que aconteceu a partir do contato de uma vogal oral com uma consoante nasal, ainda não estava acabada: a palavra para “cabeça” no guarani moderno, *akã* [ã'kã], é ainda *akang* no tupinambá e no guarani antigo; *tynyhẽ*, ‘cheio’ em guarani moderno, é escrito *tinicém* na gramática de Anchieta (1595: 13), *tenycem*, ‘cousa chea’, na de Figueira (1687 [1621]: 75), com o *-m* pronunciado como consoante ([m]).

A nasalidade tanto vocálica como consonântica é um dos fatores principais da fonologia tupi-guarani. Nas línguas mencionadas (tupinambá, língua brasílica, guarani), a nasalidade se manifesta no nível da palavra. Uma palavra é oral ou nasal. A chamada harmonia vocálica provoca determinadas mudanças na distribuição das consoantes: tupinambá *nde py*, ‘teu pé’, mas *ne irũ*, ‘teu companheiro’.

Desde o ponto de vista da tipologia morfológica tradicional, as línguas tupis-guaranis mencionadas apresentam elementos de todos os tipos: isolante, aglutinante, flexivo e incorporante. Outro critério de distinção é o grau de complexidade morfológica da palavra: são analíticas as línguas cujas palavras não apresentam variação morfológica, como é o caso, idealmente, nas línguas isolantes, nas quais as relações sintáticas se expressam ou pela posição de uma palavra com referência à outra, ou por palavras instrumentais soltas, os chamados morfemas livres. São línguas analíticas as línguas isolantes. Por outro lado, são sintéticas as línguas nas quais se observa um grande número de acidentes morfológicos na palavra. Veja a seguir as observações sobre o tipo polissintético.

O tipo isolante manifesta-se na determinação nominal por justaposição. É só a posição do nome relativamente a um segundo que indica a direção da

determinação. Neste caso, observam-se duas possibilidades. O atributo do substantivo, em outros termos o determinante ou “genitivo”, se coloca na primeira posição, antes do determinado: *jaguára po*, ‘do cachorro a pata’, ‘a pata do cachorro’ (cf. Anchieta, 1595: 9-10). Se a determinação nominal não for atributiva, mas apositiva, de qualidade, os exemplos que dá Anchieta (1595: 9) são da mesma natureza: *itá*, ‘pedra’ (palavra usada também para o ferro, antes desconhecido dos índios) + *pindá*, ‘anzol’, > *ita pindá*, ‘anzol de ferro’. No guarani moderno, neste caso, observamos a inversão dos elementos. O determinado é seguido pela aposição: *óga tuju*, ‘casa barro’, ‘casa-barro’, ‘casa de barro’. Anchieta menciona este tipo somente com o genérico *mba’é*, ‘coisa’, como em *mba’e pirá*, ‘coisa-peixe’, ‘matéria pisciforme’ (Anchieta, 1595: 9). Estas línguas não fazem a distinção entre substantivo e adjetivo na morfologia, senão sintaticamente na posição dos elementos.

O tipo aglutinante das línguas tupis-guaranis em geral se vê não só no grande número de sufixos e prefixos nominais e verbais, mas também na faculdade de construir os falantes sintagmas complexos impressionantes, combinando vários sufixos numa ordem bem estabelecida. Estas línguas não apresentam o tipo aglutinante em toda a sua pureza como, por exemplo, o quéchua, o húngaro ou o turco, mas, sem nenhuma dúvida, têm traços aglutinantes evidentes. Além das posposições locativas tônicas, os nomes podem apresentar sufixos átonos locativos, de grau, como diminutivos, aumentativos, intensivos, de aspecto, de quantificação, de negação, de diversos tipos de nominalização e, no tupinambá, até de caso sintático. Os verbos podem ter prefixos de pessoa, de modo, de voz, de nominalização e sufixos de tempo, de aspecto e de nominalização.

A nominalização é um dos processos mais importantes da morfossintaxe tupi-guarani. Com o sufixo tupinambá *-ba’e* (guarani *-va*) se nominalizam predicados e até orações complexas para formar atributos (orações relativas em línguas como o português, espanhol, inglês: tupinambá *o-juká-ba’e*, ‘(aquele) que (o) matou’. Esse tipo de nominalização é comum também com nomes predicativos: tupinambá *i-ma’endu’á*, ‘3ª p-lembrança’, ‘existe sua lembrança’, ‘(ele/ela) se lembra’; *i-ma’endu’a-ba’e*, ‘3ª p-lembrança-NOM’, ‘(aquele/aquela) que tem lembrança’, ‘que se lembra’. A este sintagma pode se agregar um sufixo para expressar o dativo: *i-ma’endu’á-ba’é-pe*, ‘a aquele que se lembra’.

O tipo flexivo é evidenciado pelo fenômeno da flexão relacional da maioria das línguas tupis-guaranis, entre elas do tupinambá, das línguas gerais e do

guarani antigo e moderno. A flexão relacional consiste na variação morfológica que um grande número de nomes apresenta, em diferentes funções sintáticas. Essas raízes lexicais têm a inicial *t-* quando se empregam sem relação sintática com outro nome ou pronome como, por exemplo, tupinambá e guarani *t-eté*, ‘corpo’. Apresentam um *r-* inicial quando expressam a relação de dependência sintática de outro nome ou pronome. A forma *r-eté* do tupinambá e do guarani expressa que é atributo de um nome ou pronome como, por exemplo, tupinambá *xe reté*, ‘eu-corpo’, ‘corpo de mim’, ‘meu corpo’; *Pedro reté*, ‘o corpo de Pedro’.<sup>4</sup> A simples justaposição que vimos anteriormente, como exemplo do tipo isolante, é substituída aqui por uma construção na qual o determinante apresenta uma forma que marca a relação com o determinado. A forma da 3ª pessoa, que expressa ou a posse da 3ª pessoa, por exemplo ‘o seu corpo’, ou a função predicativa, neste caso ‘tem corpo’, ‘existe seu corpo’, tem a desinência inicial *s-* em tupinambá (*s-eté*, ‘seu corpo, tem corpo’), *h-* em guarani (*heté*, ‘seu corpo, tem corpo’).

O tipo incorporante, que se observa em muitas línguas ameríndias, é evidenciado nas línguas tupis-guaranis pela incorporação de um objeto direto genérico imediatamente antes da raiz verbal. Precede, geralmente, a marca de pessoa; podem seguir todos os sufixos de tempo, aspecto, nominalização, locativos etc. Forma-se, geralmente, um verbo incorporado para expressar uma ação habitual: tupinambá *a-nambi-kutuk*, ‘1ª p-orelha-furar’, ‘furo/furei orelhas’, no sentido de ‘sou furador de orelhas’. Ao contrário da construção ativa com um objeto direto atual (tupinambá *ne-nambi ai-kutuk*, ‘2ª p-orelha 1ª p-furar’, ‘furei as orelhas de você’), o verbo incorporado forma uma unidade semântica com o objeto incorporado. No nosso exemplo, *nambi*, ‘orelha’ já não é objeto sintático, mas um determinante lexical do verbo *kutuk*, ‘furar’, como se o verbo fosse um único conceito ‘orelha-furar’. Desta maneira, o verbo incorporado pode funcionar como verbo ativo, por exemplo, tupinambá *oro-nambi-kutuk*, ‘2ª p de objeto-orelha-furar’, ‘eu furo-te as orelhas’ (cf. Lemos Barbosa, 1956: 205).<sup>5</sup>

Não interessa aqui a discussão dos linguistas sobre a natureza das línguas chamadas de polissintéticas, termo que para alguns é sinônimo de “incorporante”, para outros se refere ao fato de certas línguas acusarem um grau elevado de procedimentos morfológicos na palavra e de oferecerem aos falantes a possibilidade de formarem até orações complexas que consistem em só uma palavra.<sup>6</sup> É incontestável que o tupinambá e o guarani antigo, assim como o guarani moderno, são línguas deste tipo, como se pode ver pelos seguintes exemplos do tupinambá (cf. Lemos Barbosa, 1956: 432-433):

- (1) *o-mo-mendar-ukar-eme*  
 3<sup>a</sup> p-fact-casar-caus-subord  
 ‘quando [o] faz casar’
- (2) *o-poro-er-ok-ba’e-pwér-a<sup>7</sup>*  
 3<sup>a</sup> p-objhum-nome-tirar-NOM-ASP-ARG  
 ‘quem batizou’.

O verbo *er-ok*, ‘tirar/dar nome’, ‘batizar’, aparece na 3<sup>a</sup> pessoa (*o-*) e com o infixo *-poro-* que indica objeto humano genérico, quer dizer *oporeroek*, ‘ele batizou gente’. Esta forma verbal se nominaliza mediante *-ba’e*. O “participio” *oporeroek-ba’e*, ‘quem batizou gente’, é especificado com referência ao aspecto perfectivo: *o-poro-erok-ba’e-pwer*, ‘quem tem batizado gente’, e a este sintagma se agrega o caso argumentativo mediante o sufixo *-a* para indicar que a forma é argumento sintático, isso é sujeito ou objeto da oração, não complemento circunstancial.

Resulta deste esboço tipológico a conclusão de que as línguas tupis-guaranis participam em todos os tipos de línguas tradicionais. Certamente dominam os processos de aglutinação, evidenciados pelo grande número de sufixos gramaticais e derivacionais e de prefixos que marcam mudança de valência, salientando-se relativamente pouco os traços flexivos. Características sintagmáticas da flexão como a concordância de número são inexistentes ou raras. O número geralmente não se marca no sujeito, mas, se for necessário, no verbo. Nas línguas das outras famílias tupis se destacam, mais que nas línguas tupis-guaranis, grupos de verbos básicos que significam a pluralidade na raiz verbal como, por exemplo, *mawé pap*, ‘morrer muitos’; *wat*, ‘ir muitos’;<sup>8</sup> *’ẽ*, ‘vir muitos’ (cf. Rodrigues e Dietrich, 1997: 283).

Os traços isolantes são evidentes no grande número de partículas modificadoras do verbo e do nome, na composição e também em fenômenos como a reduplicação verbal para expressar uma ação repetida e, por isso, contínua ou intensiva. A classificação nominal, que se observa sobretudo em línguas tupis, mas também em algumas línguas tupis-guaranis, é um fenômeno isolante quando se vê nela uma composição lexical, como em munduruku *ako ba*, ‘bananeira braço’ ou ‘cilindro rígido’, ‘banana’, exemplo no qual *ba*, ‘braço’, é ainda pouco gramaticalizado. Mas em munduruku *toay-bu*, ‘rabo-cilíndrico flexível’, ‘rabo’, o sufixo *-bu* parece ser completamente gramaticalizado. Como em português não se pode dizer *rabo* sem a indicação do gênero masculino,<sup>9</sup>

em munduruku não se pode dizer “rabo” sem a indicação da classe nominal a que pertence (cf. Gomes, 2006: 191). Neste último caso se passou da composição isolante à aglutinação gramatical. Os tipos linguísticos, portanto, não são classes fechadas, cruzando-se as línguas naturais geralmente com duas ou até três delas.

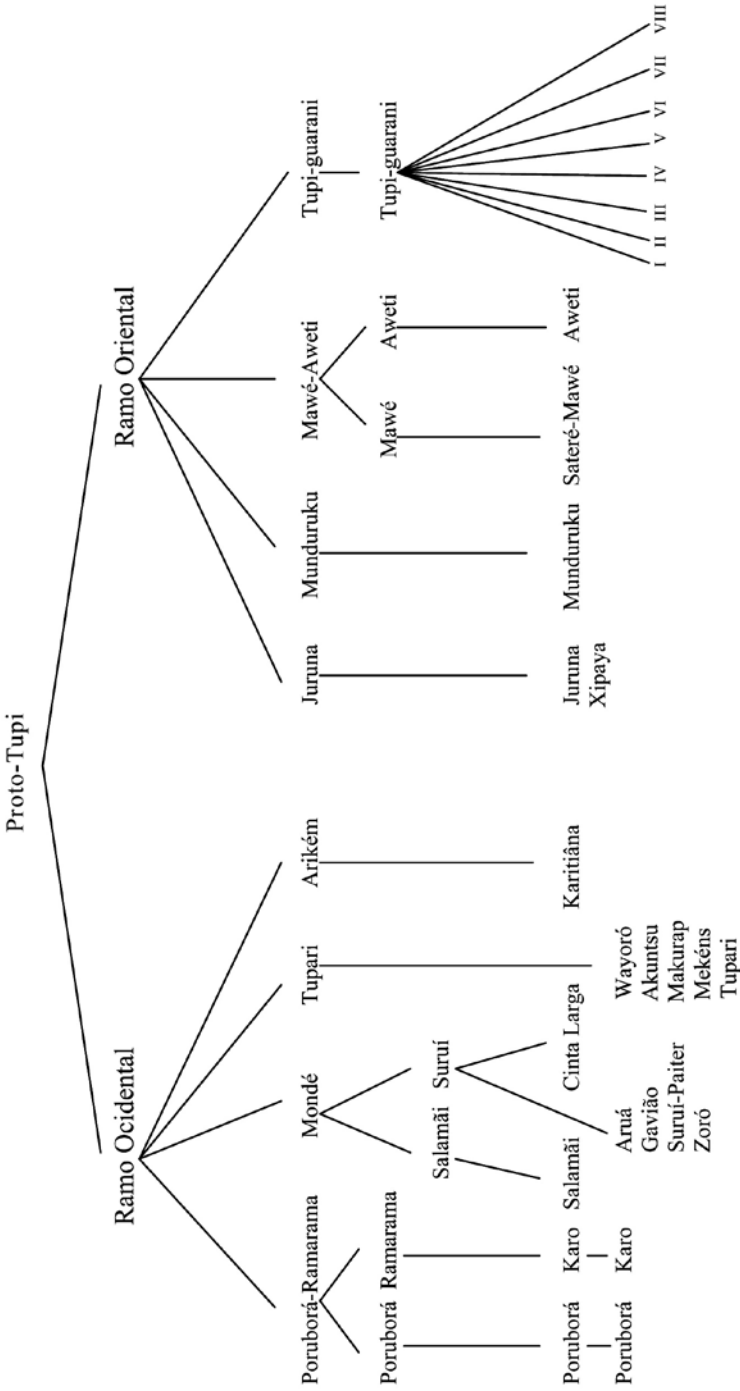
## Notas

- <sup>1</sup> O asterisco (\*) marca uma língua extinta.
- <sup>2</sup> AI = Área indígena.
- <sup>3</sup> TI = Território indígena.
- <sup>4</sup> Os exemplos são de Anchieta (Anchieta, 1595: 12 recto-12 verso), alistados em forma paradigmática, com a tradução latina: “*Teté* corpus, absolutè. / *Cetè*, eius, eorum, vel earum corpus. / *Xéretè* meum corpus. / *Pedro retè* Petri corpus. / *Oetè* suum corpus”. Veja-se também Rodrigues (1997: 384-385).
- <sup>5</sup> Na análise sintática do português, neste caso, o pronome clítico *-te* é o complemento de objeto indireto, ao contrário do tupinambá, em que *oro-* é o complemento de objeto direto, em forma de clítico prefixado.
- <sup>6</sup> É claro que isso depende muito da definição do que é uma palavra.
- <sup>7</sup> A adaptação ortográfica é minha.
- <sup>8</sup> Cf. tupari *wat*, karitiana *hot* (‘ir muitos’).
- <sup>9</sup> O gênero, a classificação nominal típica das línguas europeias, é inerente ao nome, mas também se manifesta morfológicamente (por exemplo, *-o*, *-a*) e, sobretudo, na concordância com o adjetivo. Em línguas bantu e tupi, por exemplo, a classificação se refere à forma, consistência etc. do objeto designado pelo nome.

## Bibliografia

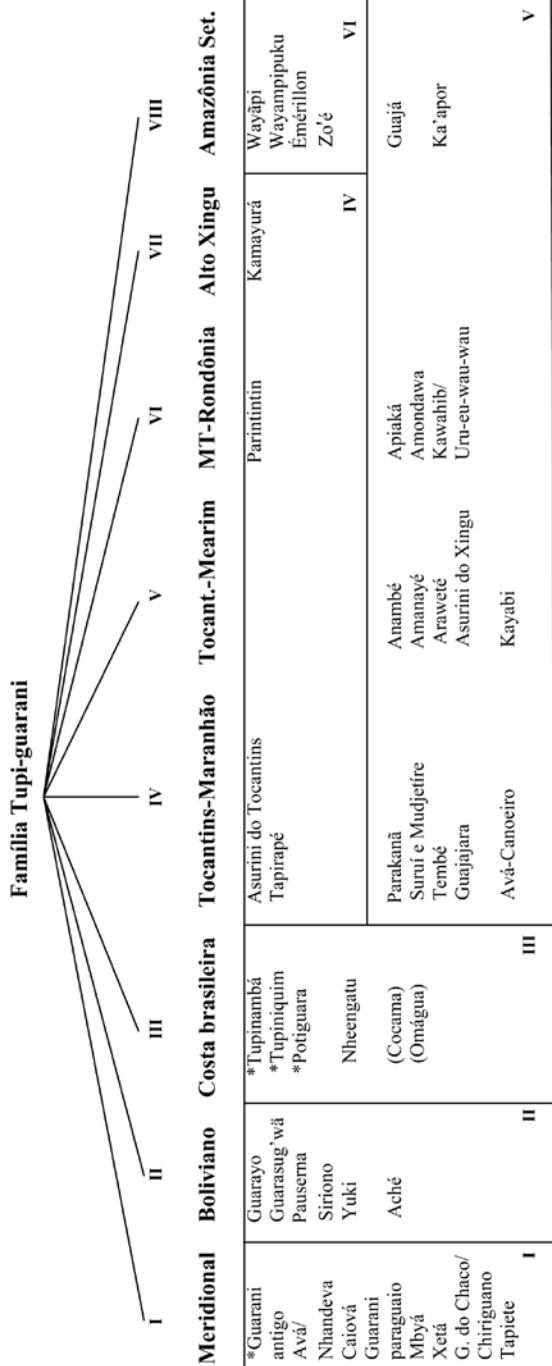
- ANCHIETA, Pe. Joseph de (1595). *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Lisboa: Antonio de Mariz.
- ARAGON, Carolina Coelho (2008). *Fonologia e aspectos morfológicos e sintáticos da língua akuntsu*. Brasília: UnB, diss. de mestrado.
- DIETRICH, Wolf (1990). *More Evidence for an Internal Classification of Tupi-Guarani Languages*. Berlim: Mann.
- \_\_\_\_\_. *Linguística Ameríndia Sudamericana*. Disponível em: <<http://www.uni-muenster.de/Romanistik/Organisation/Lehrende/Dietrich/LingAmerSud/>>. Acesso em 11 jan. 2010.
- DRUDE, Sebastian (2002). Fala masculina e fala feminina em awetí. *Línguas indígenas brasileiras. Fonologia, gramática e história. Atas do 1 Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da Anpoll*. 1. Belém: UFPA, 177-190.
- FIGUEIRA, Pe. Luiz (1687 [1621]). *Arte da grammatica da lingua brasilica*. Composta pelo Pe. Luiz Figueira. Natural de Almodovar. 3. ed. Lisboa: Miguel Deslandes.
- GOMES, Dionei Moreira (2006). *Estudo morfológico e sintático da língua mundurukú (tupi)*. Brasília: UnB, tese de doutoramento. Disponível em: <[http://www.etnolinguistica.org/tese:gomes\\_2006](http://www.etnolinguistica.org/tese:gomes_2006)>. Acesso em 1º ago. 2010.

- LEMOS BARBOSA, Pe. A[ntônio] (1956). *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- LIMA, Suzi Oliveira de (2008). *A estrutura argumental dos verbos na língua juruna (yudjá)*. São Paulo: USP, diss. de mestrado.
- RIESTER, Jürgen (1994). *Población indígena de las tierras bajas de Bolivia*. Santa Cruz de la Sierra: APCOB.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (1986). *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_ (1996). Argumento e predicado em tupinambá. *Boletim da Abralin* 19, 57-66.
- \_\_\_\_\_ (1997). Descripción del tupinambá en el período colonial: el “arte” de José de Anchieta. In: ZIMMERMANN, Klaus (org.). *La descripción de las lenguas amerindias en la época colonial*. Frankfurt: Vuervuert – Madri: Iberoamericana, 371-400.
- \_\_\_\_\_ (2007). Tupi Languages in Rondônia and Eastern Bolivia. In: WETZELS, W. Leo (org.). *Language Endangerment and Endangered Languages. Linguistic and Anthropological Studies with Special Emphasis on the Languages and Cultures of the Andean-Amazonian Border Area*. Leiden: CNWS Publications, 355-363.
- \_\_\_\_\_ ; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (2002). Revendo a classificação interna da família tupi-guarani. In: CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (org.). *Línguas indígenas brasileiras. Fonologia, gramática e história. Atas do 1 Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da Anpoll*. 1. Belém: UFPA, 327-337.
- \_\_\_\_\_ ; DIETRICH, Wolf (1997). On the Linguistic Relationship between Mawé and Tupi-Guarani. *Diachronica* 14, 265-304.



Adaptação de C. Coelho Aragon (2008: 8) e Oliveira de Lima (2008: 2).





As línguas agrupadas por baixo dos números I a VIII e das referências geográficas esquematizadas caracterizam-se por critérios da fonologia histórica específica de cada grupo e pelos critérios geográficos. Nos números I a III, estes critérios coincidem com comportamentos morfossintáticos comuns a cada grupo. As línguas agrupadas por baixo dos números IV a VIII superiores formam grupos tipológicos de traços morfossintáticos próprios (números IV a VI inferiores).